

● O nosso querido camarada Abel Salazar publicou *Recordações do Minho Arcaico*.

● Surgiu no mercado mais um número da Revista de Portugal. Olhando os seis exemplares já publicados temos de concordar que a Revista traduz um esforço difícil num país onde só vigoram as coisas fáceis, mais ainda, que estamos diante de uma obra de certo vulto. Mas semelhante juízo só pode ser justamente formulado se compararmos a Revista relativamente ao nível cultural do país. Se tal não acontecer, é desoladora a impressão que nos fica ao lermos as páginas de uma Revista que pretende ser, e em parte é realmente, uma síntese da mentalidade, do pensamento, da crítica e das possibilidades criadoras da nossa «elite» intelectual com responsabilidade.

É desoladora porque paira sobre a revista uma falta de «consciência» verdadeiramente aflitiva. Quando dizemos falta de consciência, queremos dizer falta de convicção cultural, de presença diante dos problemas graves do mundo e da Nação. A arte, a crítica, o pensamento devem ser potenciais da acção. Uma arte, uma crítica e um pensamento exclusivamente dilettantes são o espelho de uma agonia cultural, estética e social. Literatura não é habilidade, arte não é habilidade, mas vivência profunda com as super-estruturas sociais, comunhão íntima com a vida expressa em beleza formal. Quem não escreve com o seu próprio sangue, seu e da própria vida, pode vir a ser um académico mas nunca será um artista. E' essa incongruência literária, esse dilettantismo amaneirado, essa indeferença perante os problemas universais e nacionais, que constituem a decepção primeira da Revista como panorama de uma mentalidade. Quem quiser melhor avaliar tudo o que afirmamos basta comparar a Revista de Portugal com a Nouvelle Revue Française. A segunda revela-nos uma elite consciente do seu momento histórico—embora cada um condicionado, em parte, pela sua consciência de classe—aderindo aos problemas universais e nacionais. A primeira tem um vago sabor de serão literário. E' preciso notar que a culpa não é da Revista, nem tão pouco do seu director o sr. dr. Vitorino Nemésio, pelo simples facto de que a direcção cultural e o conteúdo humano de uma revista, como a Revista de Portugal, não depende do seu director mas sim antes do conjunto dos seus colaboradores. O que a Revista de Portugal revela é a pobreza do nosso ambiente cultural e artístico naquilo que ele devia possuir de vivo, de humano, de força activante sobre a realidade nacional.

Desde *Andam faunos pelos bosques* que Aquilino Ribeiro prometia «descer à urbs». A sua primeira tentativa de romance cidadão foi *Maria Benigna* que, salvo melhor opinião, é uma tentativa falhada. Anos volvidos, surge-nos agora, já apetrechado com uma intriga que faltava quasi totalmente naquele, com o seu novo romance *Mónica*. Não me parece que desta vez o grande escritor de *A via sinuosa* fosse mais feliz.

O assunto de *Mónica* não é bom nem é mau: é um assunto susceptível de interessar. A situação central (um indivíduo vivendo como hóspede sob o mesmo tecto que a mulher e os sogros, sem obter daquela mais do que caricatas fugidias, vendo-a fazer vida de sociedade, para mais cortejada por outro homem) seria aceitável se a justificá-la houvesse, da parte do romancista, qualquer intuito. Como simples pintura (género *tranche de vie*) não podemos tomá-la, porque às personagens principais falta estrutura psicológica que dê ao seu caso a palpitância de vida que o bom romancista consegue nas mais abstrusas situações. Como lance que se imponha pelo conteúdo de humanidade, caracterizando por si só as personagens, também não se impõe, porque o particular do caso exclui dele toda projecção ou finalidade. E' de notar que tal situação é mais dramática do que romanesca. No drama chegar-se-ia a ela por uma pintura de caracteres que seria insinuada através da própria intensidade do conflito. (Era preciso, é certo, que o ponto de partida do conflito fosse diferente do que nos dá o livro.) No romance só o conhecimento dos protagonistas, dado de maneira mais ou menos directa, no-la faria aceitar. Ora tal conhecimento não nos é facultado, e o que poderíamos futurar sobre o pouco que sabemos, sai-nos completamente às avessas, a partir do primeiro raptó.

A personagem que nos é dada com maior dose de pormenores, na primeira parte do livro, é Afonso Ruas, o pai de Mónica, esse mesmo irremediavelmente comprometido pela facilidade com que, tendo-nos sido apresentado como quasi avarento («alma de ferra-gaitas», lhe chama o escritor), o encorramos a despejar cinco contos nas mãos dum desconhecido, e por sinal nada instado. Na descrição da *Fräulein* empregou Aquilino Ribeiro os seus

## Mónica, romance de Aquilino Ribeiro —Livraria Ber- trand—Lisboa

melhores desvelos, mas trata-se duma figura que está fora do conflito. Carmia, de todo submissa à vontade do marido (continua a referir-me à primeira parte do livro), não conta. Restam Ricardo Tavarede e Mónica. O primeiro é feito de muitas peças, mas só depois do deflagrar do conflito as ficamos a conhecer, sem aliás as conseguirmos juxtapor para obtermos o esqueleto que seja dum homem completo. Quanto a Mónica, é uma sombra, e quere com onze, com catorze ou dezasseis anos, aparece-nos tão inconsequente a criaturinha, que o «Meu amor!» da última página, à guiza de filme americano, não nos convence lá muito de que ela não venha a reincidir na doblez de atitudes que tanto desagradava a Tavarede.

Nada há pois na descrição das personagens, nem no desenvolvimento da acção, que justifique o primeiro raptó. Afonso Ruas gostava de Tavarede, e um pedido feito em termos, dissolvida a estranheza que a diferença de idades pudesse causar, tinha todas as probabilidades de ser atendido. Depois do raptó passam-se dois escusados capítulos a descrever Tavarede pai e as suas reacções ante a asneira do filho. Arroubos de namorados, se os há, não os vemos. Antes Ricardo, aliás sinceramente apaixonado, comunica em apressados telefonemas o prolongamento da sua ausência.

Depois do casamento, sabemos da existência dos Ruas por os ouvirmos, com Ricardo, no seu vozear através das salas distantes daquela em que o têm segregado. Quais as ponderosas razões que levaram Afonso Ruas a mostrar-se tão severo para com o genro, e tão falto de vergonha que ostente a filha nos teatros ao lado de moço casadoiro, é segredo que ele e o romancista guardam cuidadosamente do leitor.

O desfêcho, anódino e gratuito, nada nos revela quanto às intenções, até ali ocultas, de Aquilino Ribeiro ao escrever este livro. Não aparecem lá pintados nem os «quebra-esquinas» nem os «banqueiros que vendem a alma e vender-lam a pátria»,

nem as outras personagens que nos prometeu há bons doze anos, na dedicatória de *Andam faunos*. O facto de se lhe seguir outro romance (aliás já anunciado antes de *Mónica*) não releva a falta de justificação deste. A própria nota importuna ao fim da última página «Segue-se: O Arcanjo Negro» evoca pela grosseria do processo a similitude com escritores de baixa estôfa, Salgari e outros que tais.

O diálogo, de tom justo em certas cenas à margem, como aquelas em que intervêm os jornalistas da *Barca do Inferno*, é infeliz noutros lances, precisamente os mais importantes, quando se trata de definir personagens ou situações.

*Fräulein* é assim caracterizada:—«*Mein Gott, mein Gott!* Mas não é a filha de meu pai, a filha do Dr. Rotenberg, burgomestre de Neustadt, que apara os cabelos. Ah, malditas *garçonnes* e *souffragettes!* Malditas sejam e Deus as castigue de tal sorte que fiquem carecas como abóboras mentinas e lhes cresçam no queixo barbas de porca-machado!»

Mónica, quando na quinta para onde Ricardo a conduziu depois do raptó, é procurada pelo pai do amante, em vez da atitude de pudica reserva, que mesma a sua pouca idade lhe indicaria como a mais natural, responde aos elogios também pouco a-propósito que o velho debita à sua habilidade de pintora:—«Agora! Chama-se a isto arte às três pancadas. Também se quer assim; é um friso à maneira de Hellé para uma *nursery* de S. João do Estoril.»

E' claro que um livro de Aquilino Ribeiro é sempre um livro de bom português. Mas ainda sob este aspecto *Mónica* ocupa um lugar modesto na sua bibliografia. O estilo deste escritor, tão opulento, que nos deixou telas inesquecíveis nas *Terras do Demo*, na *Estrada de S. Tiago*, no *Homem que matou o Diabo*, é um estilo que não tem como qualidade primacial uma maleabilidade extrema. A sua adaptação ao meio lisboeta, com personagens e assunto de cidade, foi pensadamente conseguida através da primeira centena de páginas, em que amide o pitoresco habitual se transforma numa sensação de ordinário, de calão alterando com vernáculo. Nas duas restantes terças partes

(Continua na página doze)